



Paulo Freire e Ernani Fiori: uma longa parceria pedagógico-política

Balduino Antonio Andreola¹

Em 1992 Paulo Freire e sua esposa, Ana Maria Araújo Freire, estiveram no assentamento do MST, em Fronteira da Conquista, município de Hulha Negra, no lançamento do Projeto de Alfabetização nos acampamentos e assentamentos do MST. Eu havia viajado para lá, na noite anterior, no ônibus fretado pelo CEPERS. Quanto Paulo Freire e sua esposa chegaram todos os presentes haviam já almoçado. Enquanto Freire aguardava que servissem o almoço a ele, sua esposa e o motorista, Frei Sérgio Görden, eu bati um breve papo com ele, e lhe fiz a seguinte proposta: "Lembrando sua grande amizade com o professor Ernani Fiori e sua longa parceria com ele, no campo da educação, pensei em escrevermos juntos um livro sobre ele. Paulo Freire aceitou na hora, com emoção, minha ideia, e propôs, concretamente: "Balduino, podemos combinar uma ida tua para São Paulo. Tu me entrevistas, durante algumas horas por dia, ao longo de dois ou três dias", - e acrescentou: "Antes disso eu gostaria, porém, de reler os escritos do Fiori, para que não seja um livro com conteúdo apenas afetivo".

Após aquela conversa, o tempo foi passando. Um dia escrevi a ele, dizendo: "Professor Paulo, com tantos compromissos seus, dificilmente encontrará tempo para reler inteiramente os livros do Fiori. Eu lhe faço uma proposta prática. Seleciono um certo número de fragmentos dos textos do professor Ernani, relacionados diretamente com as perguntas que pensei preparar para a entrevista". Ele aceitou, mas quando estava me dispondo a fazer aquela seleção, Paulo Freire partiu para sua viagem definitiva.

¹ Pós-doutorando em Educação pela UFRGS (2015). Doutorado em Ciências da Educação pela Université Catholique de Louvain - Belgica (1985); Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1977); Mestrado em Psicopedagogia - Université Catholique de Louvain (1983); Bacharelado em Filosofia pelo Seminário Central de São Leopoldo (1952); Bacharelado em Teologia pelo Instituto San Pietro - Itália (1959); Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira - São Paulo (1968). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle de Canoas - UNILASALLE. E-mail: balduinoandreol@yahoo.com.br

Outro projeto meu, com relação à obra e à memória de Ernani Maria Fiori, foi o de conseguir a publicação de vários textos seus, que estão em minhas mãos. A sobrecarga contínua de quase quarenta anos de ensino superior transferiu para o mundo das veleidades sonhadoras este outro projeto. Considero, porém, que os dois sonhos bibliográficos foram supridos, em parte, com o livro em parceria com o saudoso professor Triviños, sobre Freire e Fiori no exílio (TRIVIÑOS & ANDREOLA, 2001).

Nesta minha fala introdutória ao artigo que me propus escrever preciso esclarecer que meu interesse pelo resgate da obra do Fiori não está sendo motivado por nenhuma obrigação de qualquer origem. Pelo contrário, surgiu da descoberta que fui fazendo da importância e da influência de Fiori na obra de Freire. Não tive o privilégio que vários colegas da UFRGS tiveram, de serem alunos ou colegas do Fiori. Assim mesmo, meu interesse por sua obra, e por sua extraordinária parceria com Freire, ao longo de três décadas, foi aumentando. Quanto mais eu lia e estudava Freire, mais foi aumentando em mim o interesse pela obra de Fiori.

Feitas estas digressões ao tema proposto para este artigo, observarei ainda que o resgate da obra de Fiori, como de outros autores brasileiros, deveria sanar uma amnésia crônica da nossa cultura, que Afrânio Coutinho denuncia como uma síndrome, ao escrever no prefácio a um dos livros de Anísio Teixeira, que nós, brasileiros, somos tristemente famosos por condenar ao esquecimento grandes personalidades da nossa história. Feito este último registro, peço vênua bibliográfica a meus leitores e leitoras e a meus colegas do Fórum Paulo Freire, pois não disponho de condições de preocupar-me com numerosas citações, atendo-me quase exclusivamente aos dados da minha memória pessoal.

Mas começo contradizendo esta minha transgressão bibliográfica, para lembrar, por ocasião desta décima nona sessão anual do "Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire", que já na sua primeira sessão, na UNISINOS, em 1999, foi apresentado um trabalho no qual Adriano José Hertzog Vieira fazia uma aproximação entre Freire e Fiori, sob o título: "Ernani Maria Fiori: Um interlocutor de Paulo Freire". Tomando aquele trabalho como deixa para percorrer a história das variadas e numerosas interlocuções Freire/Fiori, cabe-nos perguntar: "Quando começou aquela trajetória de interlocuções?". E quem nos responde é o próprio Freire.

Depois de lembrar que se encontrou com muitas pessoas, no Brasil e no mundo, de cujo impacto, precisaria "pesquisar muito a mente", para lembrar algo, acrescenta: "No entanto o encontro com o Ernani jamais se apagou, exatamente pela força extraordinária de sua personalidade diante de mim".

No "Posfácio" ao II volume das obras de Fiori, Freire disse:

Vou começar pela minha primeira lembrança de Ernani, que vem do meu primeiro encontro com ele em Porto Alegre, nos anos 50. Se eu mesmo me perguntar agora o ano exato, o mês exato, não saberia responder, a não ser que eu fizesse uma pesquisa histórica, o que não é o caso, mas me lembro bem do episódio. Naquela época eu trabalhava no SESI de Pernambuco e visitava o do Rio Grande do Sul. Conversando com o então superintendente de lá, prof. Mário Reis, ele me disse, ao término da conversa: Tu tens que conhecer um grande amigo meu nesta cidade, Ernani Maria Fiori. E, que acreditava na seriedade do Mário e não tinha por que não conhecer mais uma pessoa no mundo sou um sujeito que não se cansa jamais de conhecer gente -, concordei, e, no dia seguinte, numa hora marcada, cheguei à casa de Ernani. Eu tenho até a entrada da casa na cabeça, talvez porque inclusive a tenha revisto algum tempo depois, quando voltei a Porto Alegre, já então dirigindo o Movimento de Cultura Popular (FIORI, 2014, vol. II: p. 321-322).

A tentação é delongar-me na citação, pela extraordinária boniteza com que Freire lembra e descobre aquele primeiro encontro. Naquela entrevista, ele se refere a "[...] algum tempo depois, quando voltei a Porto Alegre, já então dirigindo o Movimento de Cultura Popular". Duas páginas adiante, naquela entrevista Freire salta, em sua memória, das décadas de 50 e de 60, para 1984, quando de sua última conversa com Fiori e relata que muito o impressionou "[...] um dos últimos diálogos que teve com um dos filhos, quando, segurando-lhe a mão, disse, pouco antes de morrer: Neste momento - já com dificuldade de falar - preciso de duas coisas: lucidez e coragem. Lucidez para entender o que está vindo e coragem para enfrentar o que não entendo" (FIORI, 2014: p. 324). E o Freire comenta: "Quer dizer, um homem como o Ernani não podia morrer senão assim".

No final daquela entrevista, que seria o "Posfácio" do II volume, Freire volta a lembrar, com emoção aquele último encontro de 1984. E aqui me ocorre uma reminiscência pessoal. No meu discurso, como orador oficial, na outorga a Freire do título de "Doutor honoris causa" da UFRGS, em 1994, iniciei meu discurso com as últimas palavras que Freire ouviu do amigo agonizante: "Paulo, estou contente porque tu não paraste". E Freire comenta: "É, disse: tu não paraste. Eu achei isto formidável. Saí felicíssimo de um lado, ao mesmo tempo triste do outro, porque estava segura de que aquela seria a última vez". E conclui: "Ernani morreu moço. Isto é uma coisa maravilhosa. Pode o corpo ter envelhecido, até porque maltratado pela doença. Mas a cabeça não. Ernani morreu jovem. Ele jamais perdeu a paixão pelos seus sonhos." (FREIRE, in: FIORI, II, 2014: p. 338).

Escrevi, no início, que não me preocuparia com precisão de citações. Mas a lembrança emocionada de Freire de sua última fala com Fiori, me lembrou um depoimento também carregado de muita emoção, de Yeda Simões Cáceres, que foi aluna de Fiori:

Foi com muita tristeza e sentimento que soube do falecimento do Prof. Ernani Maria Fiori. Ele foi dessas raras pessoas que deveriam perdurar para sempre. [...]. Foi muito bom falar sobre ele, e reler algumas de suas palavras. Ele deixou gravado fundo, em nossa mente e em nosso coração. Se ele tivesse que retornar à Terra, seria em forma de luz ou água cristalina (Carta inédita).

Eu já fiz, várias vezes, em aula ou palestras, um teste que me levasse a desmentir a denúncia de Afrânio Coutinho. A teste consistia em perguntar: "Quem é o autor do prefácio ao livro mais importante de Freire, "Pedagogia do Oprimido?" Infelizmente o desmentido não aconteceu, até hoje, porque a resposta foi muito rara.

Paulo Freire considerava aquele prefácio tão lindo e tão profundo, que disse várias vezes: "Em futuras edições, eu pensei em colocar o livro como prefácio, e o prefácio como livro". O título: "Aprender a dizer a sua palavra", é um título tão denso de significado, que, na sua brevidade quase lacônica, expressa com eloquência rara o significado mais profundo daquele livro e de toda a obra de Freire. O próprio Fiori explicita aquele significado radical e extremamente amplo, ao escrever:

Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda a pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labora universitário. (FIORI, 2014, II vol., p. 72).

As vindas de Freire ao Rio Grande do Sul, nos inícios de 60, foram várias. Numa delas, estando já no Ministério de Educação, como inspirador e coordenador do grande Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, veio a Porto Alegre em companhia do Ministro da Educação Júlio Sambaqui, para tratar com Ernani do apoio à criação do Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul.

A primeira informação de que dispomos sobre o Instituto, nos chegou através da entrevista que o Prof. Tomaz Tadeu da Silva manteve com o Prof. Paulo Freire, para um número especial da revista Educação e Realidade, do qual não disponho, neste momento. Naquela entrevista o Prof. Tomás fez uma pergunta relativa ao Instituto. A partir das informações trazidas naquela entrevista, procurei ouvir pessoas que participaram da fundação do Instituto, e fui à cata dos documentos existentes, a partir dos quais escrevi um

artigo para outro número da revista Educação e Realidade (ANDREOLA, 1988). Motivado pela importância de que se revestira o Instituto, realizei uma pesquisa, como bolsista do CNPq, e promovi um Seminário, durante o colóquio da SBPC, em Porto Alegre, em 1991, do qual participaram, 27 anos após a fundação, onze dos fundadores. Além disso, na minha pesquisa realizei, juntamente com meus bolsistas e orientandos da época, várias entrevistas com pessoas que participaram do Instituto, e de toda aquele processo extraordinário de Cultura e Educação popular, ligado diretamente ao Programa Nacional de Alfabetização. As entrevistas e gravação do seminário durante a SBPC, reunidos para o Relatório ao CNPq, somam 338 páginas (ANDREOLA, 1995).

A criação do Instituto de Cultura Popular, com personalidade jurídica registrada em cartório, obedeceu a uma necessidade, segundo a intuição histórica do Prof. Ernani Fiori, de garantir a continuidade dos projetos de cultura e educação popular, ameaçada por uma situação política marcada por uma ambiguidade. O Governador do Estado Ildo Meneghetti, do PSD, creio que levado pelo seu bom senso, convidou a Professora Zilah Totta para assumir o cargo de Secretária de Educação, e ela chamou para a Secretaria as pessoas que mais se destacavam, no campo da Cultura e Educação Popular, em especial nos projetos de alfabetização de adultos, segundo o Método Paulo Freire. Uma das educadoras populares mais atuantes, Ana Maria Zardin, por ocasião do golpe conseguiu salvar uns cinquenta recortes de jornais da época, que documentam mais de seiscentos Círculos de Cultura, para alfabetização de adultos, no Rio Grande do Sul. Na sua aguçada intuição política, o Ernani estava certo de que o PSD, partido do Governador, não lhe perdoaria ter confiado a Secretaria de Educação à Professora Zilah Totta, com certeza a maior educadora gaúcha da época, mas sendo de esquerda, não interessava aos objetivos do partido, e realmente ela não durou um ano inteiro na Secretaria. Com a demissão da Professora Zilah e de toda a sua equipe, a continuidade dos trabalhos foi garantida pela existência do Instituto, até que com o golpe, o Instituto também teve que encerrar suas atividades.

Eu concluo meu artigo sobre o Instituto escrevendo:

A repressão não matou os sonhos do Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul, como não matou a multidão dos sonhos dos quais estava nascendo o Brasil novo dos anos 60. Os ditadores da América Latina pensaram no exílio como forma de jogar ao vento os sonhos dos povos do continente. Os sonhos não são punhados de cinza. O vento não os leva. Eles são trigos. O exílio foi sementeira. Resgatemos a história, porque os tempos são de colheita (ANDREOLA, 1988: p.46).

Se me delonguei neste relato sobre o Instituto de Cultura Popular, informando inclusive em detalhes documentação existente, não foi com preocupação meramente bibliográfica. Tal documentação espero poder confiá-la, em breve, ao nosso Centro de Documentação Paulo Freire (não sei se é este o nome), que criamos numa das reuniões de nosso Seminário de pesquisa, votando por unanimidade que seja sediado pela UNISINOS.

Já que este meu escrito se destina para o XIX "Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire", a realizar-se neste ano na FURG, em Rio Grande, acho interessante fazer uma digressão, para lembrar que o Prof. Ernani Fiori esteve em Rio Grande, creio que em 1963. Quem me relatou sua ida foi uma orientadora educacional cujo nome não lembro neste momento, embora guarde, em meus alfarrábios uma ficha, onde anotei brevemente o relato que me foi feito por aquela educadora riograndina, que lembro muito bem, por testemunha a humildade do professor Fiori, e sua abertura ao diálogo, ao aceitar o questionamento feito.

Neste momento lembro que no lançamento do segundo volume das obras do Ernani Fiori em sua primeira edição, em 1992, o professor Rui Carlos Ostermann, numa fala muito linda, fez um perfil admirável do Fiori como professor. Lembrou que ele tirava do colete um pequeno papel, no qual anotava o esquema da aula. Eu trouxe antes esta reminiscência, para dizer que em Rio Grande foi o contrário. O Prof. Fiori, segundo o relato feito, tinha em mão um livro, que ninguém sabia qual, e ia abrindo sucessivamente diferentes páginas, permeando sua fala de citações daquele livro. A certa altura alguém da plateia pediu a palavra e disse mais ou menos o seguinte: "Professor, nós o convidamos para o senhor falar conosco, não para ir nos lendo passagens desse livro". Minha amiga orientadora disse que ele fechou imediatamente o tal de livro, e prosseguiu entabulando com as educadoras e educadores presentes um gostoso diálogo.

Vocês poderiam me perguntar: "Mas que livro era aquele, para merecer tantas citações?". E eu poderia lhes responder sem dificuldade, porque tenho o livro aqui na minha mesa. Era sua tese de livre docência. Leio na capa:

ERNANI MARIA FIORI

ABSTRAÇÃO METAFÍSICA E

EXPERIÊNCIA TRANSCEDENTAL

Porto Alegre
1963

Ernani Fiori iria defender sua tese em 1964, mas o golpe de 1º de abril não permitiu. A tese está incluída no primeiro volume de sua obra, intitulado "Metafísica e História" (FIORI, 2014, II vol., p. 137-266). O motivo de ele estar folheando e citando fragmentos daquele volume era, com certeza, o carinho com que amadurecera, ao longo de muitos meses, e escrevera com amor e grande disciplina intelectual, aquela que seria, creio, sua obra filosófica mais acabada. O interromper imediatamente aquelas citações, e estabelecer um diálogo extremamente gratificante para os que o convidaram e para ele próprio, foi um dos gestos do Fiori de sua disponibilidade para aprender com todos os seus interlocutores.

Motivado pelo fato que acabo de relatar, vou contar uma estória gostosa que Freire nos relatou, de um dos seus encontros com o Fiori. Vocês podem me cobrar que contar estórias não está muito de acordo com as exigências de um artigo ou capítulo de livro. Mas acontece que estou escrevendo sobre a longa e fraterna parceria entre dois grandes pensadores e educadores. E parcerias como aquela de Freire e Fiori, não são tecidas apenas de eventos acadêmicos e debates em torno de temas altamente filosóficos ou científicos, mas também de fatos e experiências do dia-a-dia. Mesmo em coisas as mais simples, temos muito a aprender.

Fiori e Freire participavam de uma reunião, da qual participava também um gago. "Compadecido" com a dificuldade que o gago tinha para completar as palavras, o professor Fiori se preocupou em "ajudá-lo". Se ele engasgava na palavra *dedemo...*, o Fiori completava: *cracia*. Ou se tentava dizer: "*Nós brabras...*", o professor Fiori "socorria": *...sileiros*. E assim por diante. O Freire o cutucava com os pés, por baixo da mesa. Depois da reunião, o Fiori lhe perguntou: "Paulo, por que me cutucavas por baixo da mesa?" E o Freire explicou: "Se ele está traumatizado porque não consegue completar as palavras, e você completa, ele se sente mais incapaz e se traumatiza mais ainda". O Fiori agradeceu ao grande pedagogo, que estava dando um toque de psicologia ao filósofo exímio.

Essas situações nos levam a pensar como os dois, Freire e Fiori, eram tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão sintonizados, solidários e engajados juntos, durante tantos anos, na luta contra todas as formas de opressão, de dominação e de exclusão, e a favor de um projeto de sociedade justa e igualitária. Esta convivência no diálogo na práxis histórica, na elaboração teórica e na ação direta, a serviço de um processo de libertação dos povos latino-americanos, aconteceu sobretudo na fase do exílio conjunto dos dois no Chile, e, a partir do Chile, para vários outros caminhos e outros compromissos, que o saudoso

professor Triviños e eu tentamos historiar, no livro intitulado “Freire e Fiori no Exílio: Um projeto político-pedagógico no Chile” (TRIVIÑOS e ANDREOLA, 1995).

Ninguém, todavia, lembrou com mais precisão do Luiz Alberto Gomes de Souza (GOMEZ DE SOUZA, 1985) certos caminhos andados pelos dois famosos exilados, especialmente em assessorias para as quais foram convidados pelos Bispos latino-americanos, e, em particular, pelo CELAM. No artigo intitulado "Ernani Fiori: Um pensamento fértil na consciência latino-americana", publicado por ele logo após a morte do Fiori. Ele datou assim aquele primoroso artigo: Roma, dia da Páscoa da Ressurreição, 1985

Estou me emocionando ao dar-me conta da coincidência, pois estou citando seu artigo no dia 16 de abril de 2017, igualmente Domingo de Páscoa, aqui, a poucas quadras da rua Maryland, onde o Fiori morou durante muitos anos, até sua morte. Lá tive com ele duas ou três longas conversas, sobre a temática de minha tese, que eu estava escrevendo aqui, por causa da morte trágica de meu cunhado, irmão único de minha esposa, para defendê-la depois na Bélgica.

Mas voltando ao artigo do Luiz Alberto, leio: “No Chile, seu diálogo com Paulo Freire seria intenso, fraterno e permanente. Muitas foram as longuíssimas e apaixonadas discussões do gaúcho com o pernambucano, no embate da intuição fulgurante posta à prova pela lógica rigorosa” (GOMEZ de SOUZA, 1985: p. 23).

Esta citação do Luiz Alberto em que, ao falar do "diálogo [...] permanente" entre os dois grandes amigos, não pode deixar de caracterizá-los magnificamente, na sua diferença e complementaridade. Vejamos então como Freire, naquele Posfácio ao II volume, ao falar do primeiro encontro com o Ernani, reage quase que encantado à caracterização feita pelo Luiz Alberto:

Ernani era mesmo uma inteligência viva, penetrante. Lembro-me bem da linguagem dele. Um discurso do Ernani era na verdade muito organizado. Era incrível! Isto veio a exercer mais adiante uma influência em mim, no nosso encontro permanente no Chile. Aliás, o Luis Alberto escreveu uma coisa, para mim, muito inteligente e muito sensível, num artigo redigido logo após a morte do Ernani, quando ele fala do encontro do pernambucano e do gaúcho, e da solidariedade entre a intuição do pernambucano e o rigor do gaúcho. Isto é uma verdade, eu preciso felicitar o Luis Alberto por este achado; Ernani era muito mais sistemático e preciso do que eu. Não significa que eu não tinha lá minhas "rigorositades", mas em Ernani isso fazia parte de sua forma de ser Neste meu acompanhamento itinerante do "diálogo permanente" entre o gaúcho e pernambucano, acho interessante lembrar qual era a expectativa do pernambucano com relação ao gaúcho, na hora da grande mobilização dos movimentos de cultura popular. Ouçamos a preocupação do pernambucano: Naquele momento de emersão das massas, em que elas

começavam a encher as ruas, a demandar, a exigir, em que os movimentos de cultura popular começavam a aparecer, se poderia pensar: qual terá sido a posição do pernambucano e a do gaúcho? Será que vão se distanciar agora? Será que o gaúcho vai ficar apenas no nível da preocupação universitária, vai falando apenas do Hegel, que ele tratava como pouca gente neste país? E aí com surpresa - não para mim -, se vê o gaúcho aparece como presidente do Instituto de Cultura Popular do Rio Grande. Vocês vejam que, no fundo, não era por acaso que a minha admiração era tão grande para o gaúcho (FREIRE, 2014, p. 329).

Quanto ao assunto mais importante, das contribuições diretas de Ernani Fiori para a obra de Freire ou, mais amplamente, para a elaboração de uma pedagogia da libertação e da educação libertadora, parece-me que, com certa frequência nos limitamos ao famoso prefácio à "Pedagogia do Oprimido". Na verdade, aquele prefácio é de tamanha profundidade e de tão amplo alcance pedagógico político, que Freire, ao falar o quanto apreciava aquele memorável texto, em várias oportunidades disse, em tom jocoso, que em futuras edições do livro "Pedagogia do Oprimido", pensou em colocar o livro como prefácio, e o prefácio como livro. Aliás, no Posfácio ao II volume, que foi uma entrevista de Freire com a filha do Fiori, Otilia Beatriz Fiori Arantes, e com seu marido, Paulo Eduardo Arantes, ambos docentes da USP, Freire expressa enfaticamente sua admiração daquele texto, dizendo:

Vocês podem imaginar a alegria que eu tive quando ele me leu o texto. É uma das melhores coisas que eu conheço sobre que diabo é essa pedagogia do oprimido. O prefácio é, no fundo, melhor do que o livro. É uma síntese extraordinária da compreensão do que eu dizia. (Ib.: p. 335).

Os apresentadores do II volume, Otilia Beatriz e Paulo Arantes, por sua vez, escreveram:

Naquele mesmo ano de 67, em que retificava em Montevideu o rumo de suas reflexões sobre a Universidade, enquanto foco irradiador da consciência social em seu grau mais elevado, Ernani Fiori prefaciava o livro de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, selando muito mais do que uma amizade fraterna e uma convergência ideológica. Antropologia Filosófica presente nas entrelinhas dos primeiros escritos metafísicos finalmente encontrava a terra firme de que carecia: o Método Paulo Freire, uma das invenções mais extraordinárias da prática social na América Latina moderna (ARANTES & ARANTES, 2014: p. 15-16).

Eu não poderia omitir esta citação, porque a mesma poderia merecer uma discussão ao longo de um seminário inteiro, sobre este encontro e esta convergência, na linha da teoria e da práxis histórica, das obras e da trajetória de Ernani Fiori e Paulo Freire. Esta

citação, como outras passagens deste meu artigo, não obedece a um objetivo estritamente acadêmico, de produzir um texto sobre o tema anunciado no título. Minha preocupação, nesta nova encruzilhada da minha vida, aos oitenta e cinco anos, é de que estas minhas páginas signifiquem um convite a ousarmos ir mais longe, nessa nossa apaixonante e amorosa caminhada coletiva do Fórum Paulo Freire, dos Diálogos com Paulo Freire, do Seminário que nos reúne periodicamente na UNISINOS, dos Pré-foruns e de diferentes grupos de pesquisa. Iremos mais longe do que está já escrito e dito. Segundo as palavras da filha filósofa e do genro filósofo do Ernani, os altos voos metafísicos do Fiori encontraram, na filosofia do Oprimido de Freire, a pista de aterrissagem da práxis histórica pedagógico-política, e da extraordinária utopia pedagógico-política de um projeto de libertação dos oprimidos e dos opressores. Freire, por sua vez, encontrou no luminoso pensamento filosófico-político de Fiori as luzes necessárias para a caminhada histórica que a todos nos desafia.

Podemos dizer que toda a trajetória de Fiori, a partir dos movimentos de cultura popular da década de 60, foi marcada por seu compromisso histórico com o processo de libertação. No campo mais especificamente teórico, cabe-nos destacar dois textos de grande importância: "Conscientização e Educação", e "Educação Libertadora". O primeiro, foi uma conferência proferida em Washington, em 1970, em reunião promovida Conferência Nacional dos Bispos Americanos, e num segundo momento, na Universidade de Columbia, em Nova Iorque.

Ao citar a segunda conferência, "Educação Libertadora", lembro uma declaração extremamente significativa, que ouvi do filósofo nicaraguense Alejandro Serrano Caldera. Em 1985, pouco tempo antes da defesa de minha tese, na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, fui ouvir uma conferência dele, num Seminário sobre Filosofia Latino-americana, promovido pelo filósofo da libertação Sírio Velasco, há muitos anos docente da FURG, em parceria com um professor da Universidade Católica. Após sua fala, fui cumprimentá-lo, e ao apresentar-me como brasileiro, ele declarou emocionado: "Um brasileiro que muito nos ajudou a nós, os líderes da Revolução Nicaraguense, foi o brasileiro Ernani Fiori". E acrescentou que foi em seminários ocorridos no Panamá. Eu contei isto ao Paulo Freire, que relatou minha conversa no "Posfácio" ao II volume das obras do Ernani, acrescentando que, em tempos mais recentes, ao almoçar com um ministro da Nicarágua, ouviu dele: "Paulo, o que eu devo ao Ernani e a ti" - ministro lá, vejam! - "Com relação a uma visão de mundo diferente, revolucionária, eu não posso pagar" (Ibidem, p. 330).

No "Relatório da Cruzada Nacional de Alfabetização", organizado pelo teólogo brasileiro da libertação Hugo Assmann, é confirmada a colaboração de Paulo Freire com uma foto (p. 74) e com a escrita: "PAULO FREIRE, el conocido maestro brasileño de la Pedagogia del Oprimido colabora con la preparación de la CNA". - Na foto aparecem, da esquerda para a direita: Hugo Assmann del DEI, Anturo Ornelas, delegado de la OEA, Paulo Freire, el ministro de la Educación Carlos Tünnermann B., el Coordinador de la CNA, padre Fernando Cardenal. Na mesma página, sob o título *La opinión de los expertos internacionales sobre la Cruzada Nacional de Alfabetización*, lemos:

El Professor PABLO FREIRE, reconocida autoridad mundial en el campo de la Afabetización, quien convivió con el equipo de la Alfabetización Nacional durante varios días, manifestó su total apoyo a nuestro proyecto, al cual calificó de excelente, en su planificación, metodología, contenido temático y formas organizativas (ASSMANN, 1981: p. 74).

O Relatório da CNA, de 673 páginas, estará disponível na "Biblioteca Freire" (não sei qual será o nome da mesma!) - Que criamos, numa reunião de nosso Grupo de Pesquisa Paulo Freire, coordenado pelos colegas Danilo Streck, Cheron Moretti e Sandro Castro Pitano, e votamos, por unanimidade, que será sediada igualmente na UNISINOS, onde criamos, em 1998, nosso "Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire". Este registro é um convite a doarmos material que enriqueça um acervo que servirá para todos os estudiosos da obra de Paulo Freire, e para reforçarmos o caráter popular coletivo de projetos, práticas e publicações nossas.

Tendo lembrado acima as duas conferências de Ernani Fiori, "Conscientização e Educação", e "Educação libertadora", comentei esta segunda, situando-a no contexto das contribuições de Fiori e Freire aos líderes da Revolução Nicaraguense. Julgo oportunas algumas reflexões sobre a importância da primeira, "Conscientização e Educação". Parece-me que, ao falar das contribuições de Fiori para a educação libertadora e para a obra de Freire, nos limitamos, com certa frequência, ao famoso prefácio a "Pedagogia do Oprimido", intitulado "Aprender a dizer a sua palavra". Da importância e da profundidade daquele texto, já falei anteriormente, citando inclusive o reconhecimento emocionado de Freire. Sem desconhecer minimamente o valor daquele texto, relembro o que eu disse e escrevi várias vezes, que ninguém, talvez, nem mesmo Paulo Freire, desenvolveu com tanta profundidade e amplitude de abordagens o conceito de conscientização como o fez Ernani Fiori naquela conferência. Eu elaborei, há vários anos, um esquema ou roteiro de leitura, listando as diferentes aproximações conceituais feitas por Ernani Fiori. Dediquei,

recentemente, algumas páginas a uma leitura, ainda que breve, daquele texto ontológico, de acordo com aquele roteiro, num artigo sobre as contribuições latino-americanas para uma “Pedagogia Crítica” Mas não tendo ainda publicado aquele meu roteiro, permito-me de transcrevê-lo aqui, um pouco reformulado, como convite a relermos atenta e criativamente aquela famosa conferência do Ernani, que a inicia com uma advertência epistemológica e hermenêuticamente fundamental: “*Falar de educação conscientizadora é demais verbal. Educação e conscientização se implicam mutuamente*” (FIORI, 2014, vol. II: p. 83).

CONSCIENTIZAÇÃO - Aproximações conceituais segundo Ernani Fiori (FIORI, 2014, vol. II: p. 83-104).

ITEM	PÁGINA	IDEIA-CHAVE	CONSCIENTIZAÇÃO SIGNIFICA:
1	83	Existência e Consciência.	Retomar reflexivo da consciência como existência.
2	83-84	Processo interno às contradições estruturais.	Fator de transformação Sociocultural.
3	85-86	Consciência/Mundo.	A consciência se reconquista ao conquistar o mundo.
4	86-87	Reciprocidade não especular	A ação transformadora que se faz reconstruindo o mundo.
5	87-88	Objetividade/Subjetividade (encarnação)	Conscientização é encarnação histórica, práxis transformadoras.
6	88-89	Intersubjetividade (não ipseidade isolada): Encarnação é comunhão.	Tarefa mundana e compromisso pessoal de amor.
7	89-91	Temporalização/Historização.	Conscientização é práxis libertadora de desalienação (a partir da consciência crítica).
8	91-92	Perspectiva axiológica, busca de novos valores; revalorização da existência	Humanização; nova cultura; construção do homem novo.
9	93-94	Condicionamentos da natureza e das estruturas de dominação.	O homem se assume como sujeito da história e da cultura.
10	94	Conscientização não é uma ciência da consciência.	É opção pelo homem e luta por sua desalienação.
11	99	Cultura, Comunicação, Aprendizado (não transmissão).	"Cultura autêntica é aprendizado, e aprendizado é conscientização".
12	102	Conscientização não é exigência prévia para a luta de libertação.	É própria luta de libertação.
13	103-104	Cultura popular é cultura do povo, não para o povo; Organizações de base	Cultura popular é o método de conscientização do povo e de luta contra a dominação; conscientização é politização.
14	104	Processo de libertação dos povos latino-americanos.	Sentido original da conscientização: “revolução cultural”.

A primeira conceptualização de conscientização, que aparece junto ao item um do quadro acima, no seu texto (p. 83), Fiori a coloca, surpreendentemente, entre aspas, ao

escrever que conscientização é o “retomar reflexivo da constituição da consciência como existência”. Se fosse de outro autor, Fiori o explicitaria. Também não sei se as aspas são um recurso destinado a salientar o que é dito. Da minha parte, aquela ideia me leva a aproximar esta definição do que Teilhard de Chardin define como “hominização”. Há muito tempo achei que Fiori tivesse usado, em sua conferência, o conceito de hominização.

Mas ao folhear as páginas do prefácio a “Pedagogia do Oprimido” (FIORI, 2014, vol. II p. 73), dei-me conta que é naquele prefácio que Fiori traz, entre aspas, a palavra “hominização”. De qualquer modo, aquela definição, “retomar reflexivo da consciência como existência”, ainda mais entre aspas, me parece que este conceito de conscientização tem a ver com o processo histórico, plurimilenar, segundo Chardin, de “hominização”.

Um olhar simples e rápido sobre as diferentes tentativas de Fiori, de se aproximar, conceitualmente, do que seja ou deva ser a conscientização, nos deixa muito claro, creio, que não se trata de uma definição de dicionário comum, ou até de um dicionário especializado, de filosofia ou de pedagogia. Trata-se de um processo muito complexo, na dimensão da práxis pedagógica ou política. E no campo mais especificamente político, podemos dizer que a conscientização foi elemento chave ou decisivo para que acontecesse a repressão. Até que o Programa Nacional de Alfabetização, coordenado por Paulo Freire, significasse ensinar, à multidão de analfabetos, a ler e escrever, na linha tradicional e rudimentar, de dominar as letras do alfabeto, ninguém contestaria. Mas quando os detentores do poder de dominação se deram conta de que essa nova palavra, “conscientização” se acrescentava à da “alfabetização”, e que isto significava, para o povo, pensar criticamente a realidade, “aprender a dizer a sua palavra”, e dizê-la participando como sujeito histórico”, a coisa mudou radicalmente.

Mudou como? A aquela fase primaveril, “auroral” do “pré-tempo”, segundo o filósofo argentino Gustavo Cirigliano, de uma grande floração dos movimentos de cultura e educação popular, não apenas para o povo brasileiro, mas para os povos latino-americanos em geral, sucedeu a fase do “contratempo”, dos golpes e da repressão, que no Brasil duraram duas décadas. Depois viria, segundo o mesmo filósofo, a terceira fase, a do “des-tempo”, dos que perderam o trem da história, achando que não valeria mais a pena acreditar na utopia da luta por um outro mundo possível.

Achando que este artigo estava já quase concluído, eu estava folheando despreocupadamente as páginas da Tese de livre docência do Fiori, na edição de 1963, de que já falei anteriormente, e me ocorreu visualizar, na página 110, o verbo “consciencializar”, na frase seguinte:

Na interioridade, não perseguimos o ser, como se ele fosse algo que nos foge e escapa, quando, ao contrário, nos envolve e invade. Na intimidade do eu, não encontramos o ser, pois nele “somos e nos movemos”, mas consciencializamos nossa coincidência com o ser, que se intimiza em nosso espírito. A intimidade da autoconsciência é a intimidade espiritual do ser. E, na experiência de nossos atos espirituais, experienciamos a atuação interior do ato que existência os seres no ser. (FIORI, 1963: p. 110-111).

No primeiro volume das obras do Ernani Fiori, na segunda edição, o texto está na página 233. A leitura daquele texto, mais precisamente, a presença do verbo “consciencializar”, me motivou a propor uma questão vocabular, mas que não é apenas vocabular. Em escritos anteriores ao famoso prefácio que Freire pediu ao Fiori para “Pedagogia do Oprimido”, em particular, numa série de conferências feitas por ele, em 1967, em Toledo, no Uruguai, Fiori usava o vocábulo “consciencialização”. Surgem, assim duas questões. A primeira seria esta: “Nos escritos do Fiori, consciencialização e conscientização teriam o mesmo significado ou, em outras palavras, são sinônimas? ” A segunda questão, se refere à origem destes termos. O vocábulo “conscientização”, sabemos que Freire o assumiu das obras de Vieira Pinto. Quanto ao de “consciencialização”, seria um neologismo criado por Fiori, ou ele o teria herdado de outro filósofo, ou de outra corrente filosófica? O verbo “consciencializar” aparece, na tese do Fiori, num texto no qual ele cita vários autores da “filosofia do espírito”, cuja influência é lembrada por ele na sua famosa conferência intitulada “O fio condutor de um pensamento itinerante”, e reconhecida também por Lima Vaz, no Prefácio ao I volume das obras, quando se refere a Louis Lavelle como “metafísico de alta estirpe” (LIMA VAZ, 2014: p. 25). Lavelle, o autor que é citado, aliás, imediatamente antes do texto em que aparece o verbo “consciencializar”. A presença do verbo “consciencializar” num texto inspirado em autores da “filosofia do espírito”, e empregado por Fiori antes de seus diálogos com Freire, nos permite perguntar se tal termo não teria também sua origem ou inspiração na “filosofia do espírito”. Ou Fiori teria herdado da Fenomenologia?

Não sei se as questões por mim levantadas são importantes, ou se refletem apenas curiosidades semânticas. Feito o registro da diferença vocabular – consciencialização e conscientização, não pretendo pessoalmente ir mais além, no meu questionamento. Fica a pista para pesquisadores hermeneuticamente mais curiosos do que eu.

Quanto à participação de Ernani Fiori nos movimentos de Cultura e Educação Popular, além dos textos citados, não podemos omitir a história da criação do Instituto de

Cultura Popular do Rio Grande do Sul, aos 14 de dezembro de 1963, do qual ele foi o idealizador, e seu primeiro, único e efêmero presidente, sendo que o Instituto oficialmente encerrou suas atividades com o golpe de 64.

Ao falarmos de parceria fraterna de Freire e Fiori no exílio, creio importante lembrar que o filho do casal Ernani e Hilda, José Luis, há muitos anos professor da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve que partir para o exílio antes do pai, pois, como líder estudantil estava nas miras da repressão, sendo mais um dos jovens brasileiros inscritos nas listas dos candidatos à prisão, à tortura e, quem sabe, a cemitérios desconhecidos até hoje, quando muitos tresloucados ainda pedem a volta da ditadura. José Luis foi colaborador direto de Paulo Freire, junto com a chilena Marcela Gajardo. Eu tenho comigo um livro, publicado na Espanha, intitulado: "Educación liberadora" (FIORI et al., Madrid, 1973), sendo os autores dos três capítulos, pela ordem: Ernani Maria Fiori, José Luiz Fiori, Paulo Freire.

Um detalhe bibliográfico da maior importância é que, na "Pedagogia do Oprimido", (FREIRE, 2007: p. 130, na nota de rodapé, Freire reconhece que o José Luiz tem razão de falar em "círculos de investigação temática", em se tratando de pesquisa, e não "círculos de cultura", "que - segundo Freire - podia, ainda, estabelecer confusão com aquela em que se realça a etapa que segue à da investigação". Aquela nota de rodapé mostra como Freire valorizava a colaboração de seus "bolsistas", como diríamos hoje. Mas há, nas notas de rodapé, uma lacuna irrecuperável. Não lembro bem de quem fiquei sabendo desta lacuna. Mas acho que foi o próprio José Luiz que me disse. No calhamaço de 338 páginas das entrevistas feitas para a pesquisa sobre o Instituto de Cultura Popular, há uma que fizemos, eu e meu orientando de Mestrado Cosme Luiz Chinazzo, com a filha do Prof. Ernani, Otília Beatriz, e o filho José Luiz. Houve vários momentos daquela entrevista em que a gravação foi interrompida. De qualquer modo, creio ter sido naquela ocasião que o José Luiz nos contou que Freire registrara várias vezes, em nota de rodapé, que determinada ideia a havia debatido com ele, José Luiz, e com a Marcela Gajardo. E os dois acharam que era humildade demais de Freire em valorizar tanto, em seu livro, as contribuições deles, e acabaram apagando a maioria das notas de rodapé em que eram citados. Penso que Paulo Freire, absorvido por tantas correrias, não se deu conta desta "censura" bibliográfica. Pessoalmente, compreendendo embora a modéstia dos dois colaboradores, acho que foi uma perda para a obra. Fica aqui uma sugestão. Algum pesquisador arguto, quem sabe, entreviste o José Luiz, para saber se ele ainda lembra o conteúdo das notas de rodapé canceladas.

Acho muito difícil que exista, na nossa história, outro exemplo ainda que de longe semelhante, de uma sintonia tão profunda e de uma parceria semelhante entre dois intelectuais, como as que viveram, durante três décadas, Paulo Freire e Ernani Fiori. E ninguém melhor do que o José Luiz Gomez de Souza saberia descrever aquela trajetória fraternamente parceira, como ele o fez em seu artigo já citado, por ter sido aluno de Fiori na UFRGS, e parceiro de Fiori e Freire no exílio. Ele retoma, com uma capacidade invejável de penetrar, com inteligência, o conteúdo histórico e filosófico de Fiori, nos vários momentos de sua trajetória de "pensamento itinerante" de um "anônimo peregrino do absoluto" (FIORI, 2014, I vol., p. 39-60). Numa igualmente rara capacidade de síntese, refere-se à década de 60, acena aos debates do Fiori com os jovens na JUC, na JEC e na AP, para escrever, logo em seguida:

A relação cultura-mundo passa a ser, e seguirá por muitos anos, seu jeito de reflexão e, em planos diferentes, terá um encontro fecundo com seus novos grandes amigos, Henrique C. de Lima Vaz, ao nível da "consciência histórica e Paulo Freire, para "devolver ao povo sua palavra" (GOMEZ de SOUZA, 1985: p. 30).

Quanto à influência de Fiori, na obra de Freire, destacarei ainda duas frases do Luiz Alberto: "Pode-se afirmar que a reflexão dialética de Fiori teve um significativo impacto em seu repensar entre outros. [...] E referindo-se ao texto que seria prefácio a "Pedagogia do Oprimido", afirma: "Poucas vezes Paulo Freire foi analisado tão bem e até o fundo dinâmico de sua intuição educativa, irredutível a um simples método entre outros. É por isso que Freire confia a Fiori o prefácio de seu novo livro (ib.: p. 36-37).

Referindo-se ao convite ao Ernani, em 1966, [...] para trabalhar no Instituto de Educação Rural", ele afirma que para o Fiori

[...] começa um dos períodos mais fecundo de sua vida, nesses tempos de uma diáspora que espalhou tantos brasileiros pela América Latina e pelo mundo afora. Dali começa um diálogo com jovens universitários de toda a América Latina. [...] Estudantes que vinham ao Chile para fazer cursos num centro de formação democrata-cristão, espontaneamente o procuravam em busca de outros horizontes de pensamento. Discretamente saíam à noite e iam até sua casa. Ali encontrei e discuti com jovens centro-americanos e da área andina. Também chegava Paulo Freire e se realizavam verdadeiros seminários informais, dinâmicos e entusiastas (SOUZA, 1985: p. 32-33).

Mas Paulo Freire fala também de outros seminários, menos amplos, mas não menos importantes. Eram os seminários dos sábados. Falando de seus diálogos com o Fiori, principalmente sobre a pedagogia do oprimido, ele nos conta: "Nossas conversas se

davam principalmente nos sábados à tarde, quando Hilda e Ernani chegavam". Depois das primeiras conversas sobre assuntos do cotidiano, "mas, imediatamente a demanda epistemológica do Fiori acabava com o 'penso que é' [...], e então virava seminário". E o Paulo prossegue:

Era quando eu entrava com os meus assuntos. Puxa, como eu aprendi com o Ernani nestas tertúlias de fim de tarde! Eu digo a vocês, com alegria, como na verdade eu me sentia um bom aluno do Fiori, reconhecendo que encontrava nele explicações, fundamentos, razões de ser para algumas de minhas curiosidades. Todos os sábados se dava isso, todos eram assim, e os seminários se alongavam, em geral, numa sopa em comum. O prefácio nasceu num desses sábados. (FREIRE, 2014: p. 335).

Freire lembra que às vezes participavam outros exilados, como Paulo de Tarso, Weffort, Plínio de Arruda Sampaio.

Além da entrevista que resultou no "Posfácio" ao II volume, há uma outra de grande valor, da qual não disponho agora, com relação às parcerias e ao aprendizado recíproco de Freire e Fiori. Quem fez aquela entrevista com Paulo Freire, publicada na revista Educação e Realidade, creio que em 1987, foi o Prof. Tomaz Tadeus da Silva. Tal entrevista tem uma história. Tendo eu voltado da Bélgica, onde havia defendido minha tese aos 13 de maio de 1985, eu dividia sala com o Tomás na FACED. Um dia ele me disse: "Baldô, numa fala com Paulo Freire, eu disse a ele que estou preparando um número especial da revista dedicado a Ernani Fiori, e perguntei a ele se aceitaria de escrever uma página para aquele número, já que o ligava uma longa amizade ao professor Ernani Fiori. Segundo o Tomaz, o Freire se emocionou e disse: "Tomaz, o Fiori merece muito mais do que uma página. Vamos fazer assim: tu vais a São Paulo, e me entrevistas, durante algumas horas, ao longo de alguns dias, e incluis assim a entrevista naquele número especial".

Tendo aceito o convite, o Tomaz me disse: " Sendo estudioso tanto de Freire quanto de Fiori, não queres ir tu para fazer a entrevista com o Freire?" Eu agradei a proposta, e disse ao ele que gostaria muito de entrevistar Paulo Freire, mas que deveria ir ele, por dois motivos. Em primeiro lugar, porque a iniciativa tinha sido dele, e o convite de Freire era para ele, sendo assim muito bom que ele fosse. Em segundo lugar, porque tendo voltado havia pouco tempo da Bélgica, e tendo data marcada para férias na praia com minha família, não poderia faltar. E expliquei que, além de minha esposa e minha sogra, iriam também meus sobrinhos o Giba e a Paty, que haviam perdido o pai, meu cunhado, e a mãe deles só poderia ir nos fins de semana. Acrescentei que, se ele aceitasse, eu gostaria de formular três perguntas ao Paulo Freire. O Tomaz aceitou, e na entrevista o Freire

respondeu explicitamente a duas, tendo sido a outra respondida indiretamente, ao longo da conversa. Uma das perguntas referia-se à conversa que havia tido, na Bélgica, com o filósofo nicaraguense Alejandro Serrano Caldera, da qual já falei anteriormente, neste artigo.

Das longas e fecundas parcerias entre Freire e Fiori, há muitos aspectos, momentos, trocas e realizações, na perspectiva da construção teórica e da práxis pedagógico-política. Mas as parcerias não se limitavam a estas dimensões, na linha da teoria e da ação. Já as caracterizei, em outros momentos, para além destas dimensões, sem dúvida extremamente importantes, eu as vejo como formas de comunhão, testemunhos de amor nas relações humanas e de “simbiogênese”, na linguagem de Fritjof Capra”, como raiz de complexificação empática e de fraternidade, contra a lei perversa da competição, do evolucionismo social. E a fraternidade torna eternas as coisas humanas, fecundadas por outros valores, que Freire descreve, não apenas com rara clareza, mas também com muita emoção, no fragmento de sua memorável entrevista, que trarei como conclusão destas minhas páginas:

O Ernani foi um testemunhal, por exemplo, do ponto de vista da amorosidade – como gente, como homem, - da honestidade, sem ser jamais um piegas, um hipócrita. Ernani foi um testemunhal como pai de família, sem ser um machista, uma coisa extraordinária na geração dele. Ele pode ter cometido muitos erros no convívio com os filhos, como eu, mas ele testemunhou a eles essa curiosidade diante do mundo, essa indagação diante dos fatos [...]. Ernani testemunhou o amor pela mulher, pelo país... vou contar aqui um fato dando um imenso salto cronológico [...]. Eu me lembro de que um dia – porque em todos os cursos de que participei no Chile, para a formação de quadros para a educação popular, eu pus o Ernani a falar -, pois bem, um dia [...] ele deveria falar para um grupo grande... Ernani chega e é logo aplaudido. Começa a falar e daí a pouco fala do Brasil. Quando ele fala do Brasil, não suporta a emoção e chora. Chora, retira-se por uns momentos para uma sala da casa onde estava, se refaz, volta, ri e continua a aula. Vocês vejam como este foi um homem que realmente não teve medo dos sentimentos, nem tampouco de expressá-los. (FREIRE, 2014, II vol., p. 326).

Inspirado por esta última citação de Freire, parodiando em parte, e desmentindo Pascal, penso que há “razões” que fazem com que “a Razão” reconheça “as razões do coração”. Preocupado com ser fiel às “razões” ou exigências da minha grande loucura de octogenário, um Projeto de Pós-Doutorado, meu próximo artigo se intitulará: “Emoção e amor nas obras de Ernani Fiori e de Paulo Freire”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDREOLA, Balduino Antonio. Cultura e Educação Popular nos anos sessenta no Rio Grande do Sul. **Educação e Realidade**. Porto Alegre/ nº 13 (2): p. 39-48, jul/dez, 1988.

ANDREOLA, Balduino Antonio. **Relatório de Pesquisa: O Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul – História, influências e desdobramentos**. Aprovado pelo CNPq. Introdução: p. III a XX; Entrevistas e Seminário: 338 páginas. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. Apresentação de: FIORI, Ernani Maria. **Educação e Política: Textos escolhidos – volume 2**; coordenação: Otília Beatriz Fiori Arantes..- 2. ed. Porto Alegre, UFRGS Editora, 2014: p. 7-22).

ASSMANN, Hugo Org.). **NICARAGUA – Cruzada Nacional de Alfabetización**. San José – Costa Rica, Equipo DEI- Departamento Ecumênico de Investigacione, 1981, 673 páginas

FIORI, Ernani Maria. **Metafísica e História: Textos escolhidos – volume 1**; organização: Maria Sieczkowska Mascarello e Maria Tereza Papaléo; supervisão: Otília Beatriz Fiori Arantes. - 2. ed. - Porto Alegre, UFRGS Editora, 2014.

FIORI, Ernani Maria. **Educação e Política: Textos escolhidos – volume 2**; coordenação: Otília Beatriz Fiori Arantes. - 2. ed. Porto Alegre, UFRGS Editora, 2014.

FIORI, Ernani Maria. **Abstração Metafísica e Experiência Transcendental**. Porto Alegre, 1963.

FIORI, Ernani Maria; FIORI, José Luiz ; FREIRE, Paulo. **Educación liberadora**. Madrid, Gráficas Color, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Prefácio: Ernani Maria Fiori. - 46. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. Posfácio: Depoimento de um grande amigo. In: FIORI, Ernani Maria. **Educação e Política: Textos escolhidos – volume 2**; coordenação:

GÓMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. Ernani Maria Fiori: Um pensamento fértil na consciência latino-americana. **Síntese**, n. 48, Rio de Janeiro, Edições Loyola, 1985: p. 27-43.

LIMA VAZ, H. C – O itinerário do Absoluto no Pensamento de Ernani Fiori. Prefácio a: FIORI, Ernani Maria. **Metafísica e História: Textos escolhidos – volume 1**; organização: Maria Sieczkowska Mascarello e Paria Tereza Papaléo; supervisão: Otília Beatriz Fiori Arantes.. – 2. ed. - Porto Alegre, UFRGS Editora, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; ANDREOLA, Balduino Antonio. **Freire e Fiori no Exílio: Um projeto político-pedagógico no Chile**. Porto Alegre, Editora Ritter dos Reis, 2001.

Submetido em: 20-05-2017.

Publicado em: 01-06-2017.